ANO 5.º — Sexta-feira, 13 de Setembro de 1912 — NUMERO 238

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luis de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O PERIGO... HESPANHOL

I

Não nos deixêmos adormecer á sombra dos louros de 5 de outubro. Não nos envaideçâmos com a situação que a gloriosa revolução que suprimiu a monarquia em Portugal, nos conquistou na Europa e, sobretudo, não confiêmos demasiado no direito das gentes e no direito internacional, porque a diplomacia mundial só se enfatua com o emprego de tão elevados termos emquanto recear o direito da força. Desde que este lhe pertença não ha força de direito que lhe resista. O mais forte passará por cima do mais fraco sem querer saber se atropelou principios de Humanidade, de Justiça ou de Direito.

Ora a implantação da Republica em Portugal, resultando no perigo republicano para a nossa... *irmã (!)* da peninsula, veiu avivar-lhe antigos sonho de iberismo... hespanhol, como o meslhor meio de conjurar o perigo republicano, que, para um país essencialmente reaccionario, como a Hespanha, é espectativa bem pouco de tranquilisar.

E a Hespanha sabe-o.

A evolução do pensamento não pódem os estratagemas jesuiticos impedi-la, da mesma fórma que não pódem encarcerar as aspirações de Liberdade de um povo escravisado, como se encarceram revolucionarios.

Lentamente, muito lentamente, por desgraça sua, a Hespanha reaccionaria vai cedendo tambem á onda alagadora da democracia e o espirito da Egualdade e da Liberdade tambem néla vai assentando arraiaes, arrojada e desassombradamente.

E' por isso que ao presente, a reacção lhe lança todas as amarras da sua força e do seu poderio, manobrando sempre oportunamente, ora pela brandura, ora pela astucia, ora pela força, para que esse manancial inexgotavel para os seus cofres eternamente ávidos das migalhas dos mais miseros, lhe não escape como lhe escapou Portugal.

Para lhe lisongear a vaidade, será a propria reacção que lhe fará antegosar o sonho acariciador de *um arredondamento de territorio*, como meio legitimo e justificativo de afastar um perigo que de repente se lhe levanta ameaçador na propria fronteira.

A... *união iberica*, com séde em Madrid, é sonho velho da nossa... irmã da peninsula, que éla tem procurado tornar em realidade sempre que para tal tem tido ensejo.

Ofereça-se-lhe mais uma vez tal ensejo e éla aproveita-lo-ha imediatamente desde que as potencias lh'o consintam, isto é, desde que os interesses das potencias se conciliem.

A questão de interesses das potencias tem sido justamente a causa que tanto as coloca á beira do abismo de uma guerra europeia, como as afasta uns passos só da beira dêsse abismo, horrorisadas e reciosas, para de novo se lhe aproximarem insensivelmente e continuamente.

O abismo atrai-as emquanto olham apenas as suas ambições e os seus interesses; esse mesmo abismo as repéle quando lhe observam as fases da incomensuravel catastrofe que representa.

E' provavel uma conflagração europeia?

Tal probabilidade está tão proxima como longiqua. Sempre afastada e sempre eminente, éla representa justamente para Portugal a eminencia ou afastamento do perigo.

A questão de Marrocos têve ha anos iminente a guerra entre a França e a Alemanha.

No ultimo periodo das negociações diplomaticas, os ministros da guerra das duas nações, aguardavam nos seus gabinêtes, cercados dos seus estados maiores, tudo a postos nas diferentes repartições do ministerio, a rotura das relações para ordenarem a mobilisação!

Esta guerra arrastava com a França, a Inglaterra que a apoiava na questão de Marrocos, e com a Alemanha, a Hespanha, a quem está ligada por laços das familias reinantes e de que a Alemanha precisava para incomodar a França no sul e a quem, como compensação, apoiaria numa invasão em Portugal.

Por essa mesma ocasião importantes forças do exercito hespanhol viéram manobrar na fronteira portuguêsa proximo do itenerario de Junot na sua marcha sobre Lisboa, e na fronteira da Galiza concentraram-se varios corpos da guarnição désta provincia aproximando-se do caminho de retirada de Soult, que um grupo de oficiaes hespanhoes reconhecêra pouco antes.

Que vinham fazer tão inopinadamente estas forças para a fronteira do nosso país quando se esperava de um momento para o outro o rompimento de hostilidades entre a França e a Alemanha?

Não é dificil adivinha-lo, se bem que o gabinête de Madrid nunca explicasse a resolução de tão repentinas manobras e com tão elevados efectivos que ouvimos computar em mais de 40:000 homens.

Pouco depois da concentração déstas forças a esquadra inglêsa do Mediterraneo apressou-se a ir ás Baleares cumprimentar Afonso XIII que, *desinteressando-se das manobras*... para ali partira... em viagem de recreio.

A' *visita* da esquadra inglêsa sucedeu-se a suspensão das manobras, tão precipitada como a ordem para as mesmas, e este facto tambem nunca ninguem se deu ao cuidado de o explicar.

Todos estes factos decorreram na ocasião, serenamente, como na mais perfeita das normalidades e todavia, todos estes actos de cortezia e de páz acentavam sobre as culatras dos canhões já atulhadas de polvora e de aço.

Foi por isso que passaram despercebidos de toda a gente e que ninguem ligou importancia á ordem de mobilisação de alguns milhares de homens que no nosso país chegou a dar-se.

A Inglaterra encontrando-se envolvida em conflicto precisa de ter á sua disposição não só os nossos portos, excelentes pontos de reabastecimento, mas sobretudo o nosso triangulo estratégico do Atlantico, onde qualquer das suas poderosas esquadras póde manobrar com segurança e com a vantagem de poder ser socorrida prontamente pelas esquadras do Mediterraneo e da Mancha.

O territorio português na posse dos hespanhoes era a perda para a Inglaterra da mais excelente base de operações navaes em qualquer guerra europeia e de aí o seu interesse na integridade do nosso territorio continental.

Mas quer isto dizer que estejâmos ao abrigo inteiramente de uma ameaça de perda da nossa autonomia e das tendencias absorventes da Hespanha, a quem primeiro a perda das suas colonias e agora a implantação da Republica em Portugal, desafiou o apetite dos *arredondamentos de territorio* e das compensações á custa do nosso país?

De fórma alguma.

O perigo hespanhol, longe de estar conjurado, torna-se dia a dia mais ameaçador, tanto mais que a *nossa* irmã sabe que as suas pretenções seriam francamente apoiadas pela Alemanha.

E que isto é verdade, que o sonho iberista da Hespanha toma proporções mais acentuadas, prova-o a atitude de uma parte da imprensa do país visinho, que desassombradamente aconselha o seu governo á anexação de Portugal.

Um dos artigos dêssa imprensa foi ha dias transcrito pelo *Seculo* e êle é bastante significativo para que a bôa prudencia nos não aconselhe a preparar-nos desde já e fortemente para qualquer eventualidade com que, de surpreza, nos podemos vêr a braços.

Um distinto oficial da nossa marinha de guerra dizia-nos ha dias, conversando sobre coisas de Hespanha e Portugal: *a meu vêr a guerra com a Hespanha é inevitavel mais ano menos ano e tudo nos indica que para éla caminhamos a passos largos.*

Confiar demais no direito internacional, entregando-lhe descançadamente a guarda das nossas fronteiras e das nossas aguas territoriais, é um erro que nos póde custar um desastre irremediavel.

Efectivamente.

A lição da historia confirma este prudentissimo critério e Portugal tem de preparar-se desde já e quanto antes para uma luta que circunstancias varias pódem ir protelando, mas que tambem póde estalar de um momento para o outro, pois que o seu espirito está latente nas camarilhas reaes castelhanas, nas ante-camaras do gabinête hespanhol e nas classes aristocraticas da... nossa visinha irmã.

Firmemo-nos no direito, mas firmemos este primeiro sobre as bôcas dos canhões se quizérmos que nol-o respeitem.

Humberto Beça

OS PATRIOTAS

Recortâmos dum jornal lisbonense:

Sabe-se que, desde muitos anos, a situação de oficial da reserva era muito procurada por certos individuos que néla viam faceis privilegios a gosar sem que, em troca, tivessem de sofrer incomodos de maior. Não quer isto dizer que alguns dêles não fossem animados pelos melhores desejos de servir a patria, mas o que é verdade é que a grande maioria pretendia apenas exibir os uniformes e obter a redução de 50 % nos caminhos de ferro, bem como outras vantagens a que dá direito o bilhete de identidade de oficial.

Sucéde, porém, agora que, com a nova reorganisação do exercito, os oficiais milicianos são, como é natural e justissimo, chamados a prestar serviço durante oito dias. Pois é isso precisamente que parece não lhes convir. Em vez de aparecerem nas fileiras, conforme o dever de quem espontaneamente se apresentou a prestar as suas provas para obter o uniforme de oficial do exercito, fogem o mais que pódem ás obrigações que lhes impõem a lei e o brio patriotico. E' lamentavel que tenham dado entrada no ministerio da guerra inumeros pedidos de dispensa e até de demissão, requeridos por oficiais da reserva que não estão dispostos a incomodar-se...

Servia-lhes a situação emquanto éla só oferecia vantagens e satisfação de faceis vaidades. Agora não lhes convem. Não era mal feito que o ministro indeferisse todos esses vergonhosos requerimentos...

Sim senhor. Assim déve ser e mal irá ao sr. ministro da guerra se não expurgar do exercito esses que são a vergonha da classe em que se alistáram com a mira apenas no interesse, na ganancia, nos lucros que de aí lhes possam advir por qualquer forma...

O biplano portuense

Como se sabe têm-se realisado com o melhor resultado e numerosissima concorrencia, os vôos executados pelo biplano que foi adquirido pelo importante jornal *O Comercio do Porto* e que naquéla cidade tem já feito diversas ascensões.

A esse proposito diz-nos o *Primeiro de Janeiro*, o seguinte:

Um grupo de portuenses enviou um oficio á direcção da Créche *O Comercio do Porto*, felicitando-a pelo exito alcançado pelo biplano e pedindo que se realise um vôo a Viana do Castélo e outro a Aveiro, onde ha terrenos proprios para uma feliz *aterrissage* e onde poderia auferir os melhores resultados.

Aplaudindo a ideia, podêmos afirmar que, na parte que nos diz respeito, ha, sem duvida, belos campos, planos e espaçosos, onde facilmente se poderia operar uma descensão, assim como á tentativa corresponderia, por cérto, seguro resultado, muito além do que qualquer optimista possa antever.

Sem duvida que a ideia é digna de aproveitar-se e fazemos votos para que éla seja tomada na devida consideração.

Ainda haverá alguem que depois da publicação do primeiro documento, feita no passado numero do DEMOCRATA, considére o tenente medico miliciano Pereira da Cruz vitima duma calúnia por parte dêste jornal, que o tem acusado do crime de burla?

Ainda haverá alguem tão ingenuo que seja capaz de acreditar no que diz, para se defender, o autor de tamanha imoralidade, como seja a de extorquir dinheiro aos pobres que lhe são intelectualmente inferiores? Ainda haverá?

Tudo é possivel e a nós já nada nos admira.

PARA A FRENTE!

O caso Pereira da Cruz

continúa a interessar a opinião pública

Será feita justiça?

Como era facil prever, causou verdadeiro assombro aos nossos leitores a inserção, no passado numero, dum dos documentos em nosso poder, que vem plenamente justificar quanto aqui temos referido relativamente á tôrpe negociata com a isenção de mancebos do serviço militar.

Já mais duma vez temos dito mas é conveniente repetir: de ha muitos, muitos anos, mesmo, desde o celebre episodio passado com os drs. Ernesto de Lencastre, Maximiniano de Lemos e outros, que era do conhecimento público a existencia de tamanha traficancia.

A dificuldade, porém, de apurar-se a verdade de factos désta ordem, agravada com a indiferença duns e o receio de outros, a subcerviencia da parte, tudo junto com a audacia desvergonhada e cinica dos membros de tão imfame quadrilha, com representação vária na sociedade, tudo isso dificultava a obtenção de provas, perante as quaes emudecessem os mais renitentes e se vergassem os mais incredulos.

Mas a atitude da junta medica que, em Ilhavo, procedeu ao serviço de inspecção, conseguindo provas documentadas da existencia real de tráfego tão repugnante, do qual era o primeiro culpado um medico miliciano, provas que fôram em primeiro logar apresentadas ao sr. governador civil do districto, sr. Julio Ribeiro de Almeida e outras pessoas e entre élas a nós, naturalmente indicou o caminho que teriamos a seguir: denunciar a infamia e pedir a responsabilidade dos criminosos.

Desde esse momento até agora, não tem sido outra a nossa taréfa e outro o nosso desejo.

Têmos nisso algum empenho?

Sem duvida; o rastabelecimento indispensavel da moralidade e que se expurgue do contacto social todos quantos prevariquem, para que se não diga que a Republica consente a mesma baixeza de costumes corrutos que apodreceu o velho regimen, e que pela sua protecção dispensada a todos os criminosos, não teve a força moral para fazer calar os seus inimigos, que lhe lançavam á face os crimes praticados, é esse o nosso fito.

Além das provas obtidas pela junta medica em Ilhavo outras tem sido conseguidas e juntas ao processo, e que aqui oportunamente serão reproduzidas, fazendo-se com elas e com a convicção moral pública a maxima luz, onde a verdade apareça inconfundivel aos olhos de todos, á exceção dos daquéles que, em reduzidissimo numero, tem o cinismo cretino de se apresentarem a defender o miseravel autor do crime, esquecendo, uns, quanto devem á sua situação oficial, outros o nenhum valor das suas pessoas... em qualquer campo onde apareçam.

O sr. Pereira da Cruz tem de aceitar a existencia dos factos, taes quaes éles são.

Não se iluda, na ancia de conseguir benevolencia para a sua situação.

O sr. Pereira da Cruz é impopular, antipatico, e entre os seus conterraneos apenas creou uma repulsão profunda pelo seu procedimento manifestado por varias e peregrinas fórmas, que se não estivessemos no firme proposito de não sairmos do campo em que nos colocámos, poderiamos aqui referir e demonstrar em milhares de casos.

Desde a violencia de pedir pagamento aos pobres, pelos seus serviços, quando o não póde nem deve fazer, até á prática de actos que chegariam para escrever um livro e que, como dizemos, restringidos ao ponto culminante que discutimos, não referimos, o sr. Pereira da Cruz cavou em redor da sua pessoa um pélago profundo de justificação da antipatia que apenas o desempenho das suas funções oficiaes aparenta diminuir e atenuar!

Quer a prova do que afirmâmos?

Diga-nos o *puritano* cidadão e *exemplar* ornamento do exercito miliciano, quantas pessoas lhe tem ido oferecer os seus serviços, o testemunho abonatorio das suas qualidades, os protestos energicos e revoltantes pelo crime e pelas responsabilidades que lhe imputam!

Quantos advogados correram ao seu encontro oferecendo-lhe os serviços indispensaveis para o aniquilamento, em primeira instancia, da junta medico-militar que em Ilhavo soltou o pregão da vil façanha e a seguir o do *Democrata* que se fez éco do alarme dado!

Quantas manifestações ruidosas e públicas tem sido feitas pelo elemento popular, que em massa tenha corrido á frente da residencia do *ilustre* medico miliciano protestando em alta vozearia contra as *calunias* de que o fazem vitima e pedindo justiça contra os que pôem em duvida as altas qualidades moraes do *digno* filho désta terra!

Quantos actos de hostilidade contra os que o apontam responsavel por tão negregado negocio, que numerosas vezes deixou na miseria muitos que na sua boa fé e no incompreensivel horror pelo quartel, entregavam nas mãos criminosas e impuras dos que se locupletavam, sem piedade e sem honra, com a sua ignorancia, as dezenas de mil reis que representavam todos os seus haveres!

O sr. Pereira da Cruz, cercado de meia duzia d *valiosos* elementos de absoluta preponderancia — para fazer calar um dos crimes mais repugnantes pelas circunstancias em que se dá e pessoas que o praticam — iludindo-se a si proprio, facto reconhecido na psicologia de todos os criminosos, supõe-se, futuramente, isento da toda a responsabilidade, podendo ámanhã, ainda que com falsa crença de que os outros o acreditam, clamar a sua inocencia e nenhuma responsabilidade em tão repugnante culpa!

A indistrutivel convicção da culpabilidade do sr. Pereira da Cruz no caso que vimos tratando, está feita; mais do que isso: está difinitiva e seguramente assente no espirito público e perdida assim a moralidade que tão precisa é para quem quer que seja.

Mas aos receios ainda de alguns sobre o possivel resultado desta campanha vamos-lhe respondendo com a publicação oportuna das provas que, bem julgâmos, são mais que suficientes para a demonstração irrefragavel do crime.

De resto, basta ponderar a gravidade da situação, as circunstancias especiaes em que estão os seus responsaveis, a classificação e espécie do crime, a cotação e representação social e militar dos seus denunciadores e descobridores e ainda tantas outras rasões preponderantes, especialmente aquela de que não estâmos no reinado do nobre amigo e protétor desvelado de todas as traficancias, para que se faça justiça sem vacilar, para que se puna o criminoso ou criminosos sem piedade, sem atenuantes, que não as tem, que não as pódem têr!

Pois póde alguem sequer admitir a hipotese, que hoje, a dois anos de Republica, como poderia ser ha vinte, o seu govêrno, os seus juizes, os seus funcionarios concorressem directa ou indirectamente para que não caísse sobre a cabeça dos criminosos

désta especie todo o rigor da lei?

Será maior crime pensar assim, porque denunciam apenas a descrença ou a crença de que reputam os altos dirigentes da nação, tão indignos e tão miseraveis como os culpados, capazes de transigirem com os seus feitos.

Essa suposição reconhecemol-a como uma natural consequencia dos longos anos de absoluto e descarado império despotico e corruto que nos jungiu!

Isso, porém, acabou e para conseguir esse fim é que nós e tantos outros combatêmos e sofremos por um Ideal que nos trouxesse o império da justiça, a egualdade perante a lei, a moralidade social!

Ao mais leve exame conscienciosamente feito não só á gravidade do crime como á consciente responsabilidade dos reus, ninguem poderá deixar de reconhecer que a aplicação de um castigo exemplar, categorico e altamente demonstrativo, se impõe por todas as razões e pela indispensavel necessidade de se provar perante o país e perante todo o mundo civilisado, que a Republica não póde tolerar sem salutar exemplo condenatorio, que á sombra do seu regimen se pratiquem os mesmos actos infames e indignos que fôram o maior argumento para a repulsão do sistêma politico que em 5 de outubro, está a fazer dois anos, morreu asfixiado no lamaçal que os seus falsos servidores argamassaram com a pratica de todos os escandalos e de todas as infamias!

E assim serão julgados pelas leis e pelos tribunaes da Republica quantos dos seus actos lhe tivérem de dar contas!

Ou não ha moralidade . . .

A banda do 24

O que muita gente tomava á conta dum simples boato, especialmente porque de facto se não atinava com definitivo resultado que de aí podésse provir, parece que em breve será uma realidade.

Referimo-nos á saída désta cidade da banda do regimento de infanteria 24, que á sombra de uma falsa economia se pretende dissolver, em vista das novas e fantasticas medidas determinarem que fiquem sómente intactas as bandas dos regimentos aquartelados nas sédes das divisões.

Parece fantastico,mas é verdadeiro. De fórma que quem não viver em Lisboa ou Porto ou não tivér a ventura de dormir sob uns tetos que não protejam a pessoa dum general—não tem direito, ápart e a necessidade que reputamos indispensavel da existencia da musica como parte integrante do regimento, não tem direito, diziamos, de ouvir a execução de uns numeros de musica, unica distração que a população da maior parte das cidades póde fruir.

Se déssa resolução adviésse de pronto uma economia, ainda que bem insignificante, até certo ponto compreender-se-ia a medida. Déla porém não vêmos isso especialmente por que se os musicos não estão e não tocam em Aveiro, executam em Coimbra, no Porto, em Lisboa.

Sabemos que a Câmara Municipal, em nome da cidade, vae ocupar-se do caso, levando o seu justissimo protesto até onde necessario fôr, assim como outras associações e sociedades locaes lhe seguirão o exemplo.

Prometendo voltar ao assunto desde já protestâmos egualmente contra tal medida que resulta numa imerecida violencia.

Do *orgão dos taberneiros*, artigo de sensação, escrito pelo encarregado de levantar o *nivel* da imprensa:

«Temos em Aveiro quem dignamente possa ocupar o logar de jornalista sem que contudo o possam julgar profissional?»

Pela nossa parte tambem achâmos que temos. E' o *Bébes!* A questão é chegarem-lhe ao bico, sem mistura e de maneira que não dê nas vistas...

Tem competencia e não lhe falta paladar, visto que é um *paladino*...

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Perante a atitude de "A Liberdade,, o silencio sería uma cobardia

O que tem de ser, seja

Se o corte da permuta entre a *Liberdade* e o nosso humilde, mas republicano semanário, anunciádo em grandes caratéres pelo sr. Alberto Souto, deputado, não fosse assente em falsas justificações, não teriamos o trabalho de escrever o que vae ler-se, porque, como muito bem diz o denodado jornalista, *a nós nos não faz falta, como a êle tambem a não fazemos.*

Mas deixar passar sem reparos ao menos verdadeiras razões com que se pretenda provar esse acto absolutamente injustificado, razões que por cérto a reminiscencia do ilustre deputado, á força de dividida e baralhada por outras preocupações e cumplicados assuntos, lhe não permite recordar, isso é que não fazemos. Assim, não para o sr. Alberto Souto, que cértamente não nos dará a honra de nos ler, ainda que a sós, refestelado nas fôfas poltronas da sua luxuosa sala de redacção, mas para os que entendemos que devem conhecer a verdade nua e crua, das coisas e dos factos, é que vamos, com seneridade de espirito, sobre o triste assunto, dizer o que se nos oferece e entendêmos dever publicar.

O sr. Alberto Souto, comnosco e outros amigos, fundou o *Democrata*, deixando-o quando creou a *Liberdade*. E' verdadeiro, absolutamente verdadeiro, este ponto referido pelo sr. Souto, mas esqueceu-lhe dizer que o *Democrata* de hoje é o mesmo *Democrata* de então, sem acusar o mais simples desvio na sua conduta, na sua forma de combate, impetuoso, é cérto, mas rigorosamente verdadeiro, empenhando-se sempre pelo prestigio da verdade, e, como sempre, tambem, pela grandêsa e pela intangibilidade da Patria e do ideal republicano, verberando, rude mas sincéra e verdadeiramente todos aquêles que, outr'ora, exploravam e concorriam para o maior descredito da nação e que hoje pretendem não só continuar ainda nesse infame proposito, mas agraval-o com a repugnante pretenção da convivencia do atual regimen, que lhes tolére as infamias, solidarisando-se com os seus crimes.

O *Democrata* de hoje é a continuação inalteravel do *Democrata* de ontem—jornal de combate, intransigente, violento talvez, mas dentro do campo rigoroso da verdade, condenando os adversarios merecidamente e excomungando, inclusivé, os proprios correligionarios ou amigos quando falseem os seus principios.

O sr. Alberto Souto chama-nos, no entanto, agora—*verrineiros de soalheiro* — êle que tanto se identificou com tal processo quando, comnosco, ao nosso lado, mantinha *relações de boa camaradagem*, vendo-nos até na contingencia de, no tribunal, assumir responsabilidades pedidas por escritos que lhe pertenciam, amostra *dos habitos de verrina soalheira* que na *Liberdade* o sr. Alberto Souto *não segue, agora, porque lhe estaria mal!*

Sim, sr. Alberto Souto, não nos siga na esteira por que nós *agredimos sistematicamente tudo e todos, desde os nossos inimigos pessoaes até aos antigos correligionarios*, como o director da *Liberdade*.

Não nos siga; mas em todo o caso, sr. Souto, emprazamol-o a que nos diga quaes os inimigos pessoaes que temos agredido sem a devida justificação em factos do conhecimento e de ordem pública por êles praticados, e, tambem, como e quando hostilisámos aqui, nas colunas do *Democrata*, a pessoa do sr. Alberto Souto ou ainda de alguns dos seus colégas de redacção.

O sr. Souto, assim, hade dizer-nos facilmente, naturalmente, as razões que tem para afirmar o tal. Porque ou o sr. Alberto Souto se deixou impulsionar irrefletidamente por qualquer motivo e escreveu aquéla heresia ou então terá de remissa a facil referencia da nossa ou das nossas sistematicas agressões, que tem ouvido com evangelica paciencia— *a bem do partido republicano de Aveiro*— e ainda baseado néssa intenção, que o leva a evitar *o maior dos sucessos para os seus leitores*, não atacando o *Democrata*...

Acima de tudo, sincéros, compunge-nos ter de reconhecer que estas palavras fossem traçadas pelo punho do sr. Alberto Souto!

Atacar o *Democrata*? Como e porquê? Porque os seus redactores só agora deixaram de merecer ao sr. Souto, por perda completa das suas qualidades moraes e civicas, a camaradagem e a convivencia de sempre? Porque o *Democrata* tergiversou na sua linha de conduta, ou tenha falseado a fé ardente e sincéra pelo Ideal, que sintetisa hoje o regimen? Porque o *Democrata* traiu a sua causa, vendeu a sua penna, pactuou com inimigos das instituições, fraquejou, indignamente, no cumprimento da sua missão, prejudicou a orientação e a linha de conduta da politica local?

Porque o *Democrata*, no fito superior e de maior destaque da sua orientação como jornal retintamente republicano, iniciou alguma campanha de moralidade e de saneamento indispensaveis dentro do sistêma politico actual, que não fosse rigorosa e indiscutivelmente verdadeira? Porque o *Democrata* abandonou a vivacidade e energia na batalha aos inimigos da Patria, que combatem a Republica dentro e fóra do país? A' pureza da verdade não tem o *Democrata* sacrificado os proprios amigos e correligionarios? Pela vitoria das nossas convicções não temos igualmente sacrificado familia, interesses, até a propria vida, exposta ao primeiro golpe dos nossos *numerosissimos inimigos*, que o sr. Alberto Souto descobriu e contou?

Atacar o *Democrata*?! Como se este jornal recebesse na sua redacção, bem modesta por sinal, inimigos declarados e reconhecidos da Republica; como se algum dos seus redactores fosse implorar junto do governador civil protecção e tolerancia para conspiradores e *factotuns* do mais infame adversario das instituições e não menos infame perseguidor, nesta terra, de todos os homens de bem, que o sr. Alberto Souto, nestas colunas e naqueles tempos em que o *Democrata* não tinha *o habito da verrina soalheira*, tanto e tão violentamente estigmatisava! Como se o *Democrata*, nas suas colunas, tolerasse a publicação de artigos ferozmente agressivos aos homens que tinham recusado uma determinada candidatura e que nêsse gravissimo momento representavam a direcção suprema da politica nacional—*tudo a bem do partido republicano de Aveiro* — que néssa ocasião não periclitava com semelhante atitude!

Como se o *Democrata* **emudecesse criminosamente** deante da prática e consumação de actos publicos, que significam em toda a sua hediondez, consagradas infamias, justificando na opinião publica o merecido conceito de que contemporisáva com verdadeiros criminosos!

Como se o *Democrata*, com uma persistencia de arrepiar, mudo e quedo, deixasse passar, sem a tal respeito uma palavra, sequer, proferir nas suas colúnas, todas as peripécias ocorridas e trabalhos tão merecedores de registo especial, pela parte da autoridade, na perseguição dos inimigos, não só da Patria, como inimigos de todos!

Como se o *Democrata* reproduzisse, como talvez devesse ter feito, as justas apreciações dos que tem olhos de alma para vêr a conduta e linha seguida por quem, *não tendo habitos de verrina soalheira*, esmága e sacrifica todavia o dever a que se impôz, pondo a descoberto a honra e a intangibilidade da Republica, para pôr a coberto, com o seu condenavel e repugnante silencio, os crimes monstruosos dos seus amigos, que são os determinados e *numerosissimos inimigos* ... dos outros!

Atacar o *Democrata*, como e porquê?

Porque êle não serve Deus e o Diabo ao mesmo tempo? E o sr. Alberto Souto não teve pejo, nem se envergonhou aos seus proprios olhos, quando escreveu que o *Democrata* sacrificava a sua orientação ao habito de *verrina soalheira* como expediente para arranjar leitores?

Que dirá o sr. Alberto Souto á *Liberdade*, que, na parte respeitante a questões de interesse e moralidade locaes, sacrifica o seu dever ainda ao simples registo do que se passa, sem comentarios?

Se o sr. Alberto Souto podésse ouvir de centenares de bôcas os comentarios á orientação do seu jornal, as apreciações ao seu completo alheiamento dos casos que, chegados ao conhecimento do mais indiferente, arrancam protéstos de indignação, o sr. Alberto Souto não se deixaria levar por esse caminho tão desastrado e tão diametralmente opôsto áquêle que, comnosco, na mais estreita comunhão de ideias, juntos, percorreu, olhos fitos no mesmo ideal, almejando o mesmo objectivo, batalhando pelo mesmo fim!

Acima de tudo, Alberto Souto, então, no altar do nosso peito, banhado pela luz acalentadora das nossas esperanças e aquecido pela luz da nossa fé inabalavel, firme, como os rochedos que á nossa vista parecem derruir a pancada furiosa das vagas, que os cobrem, mas que emergem de novo no seu logar, inamoviveis e inalteraveis, via bem a figura esbelta e inebriante da Republica, que, através de tudo, com todos os sacrificios, nós queriamos tornar uma realidade, um facto consumado e definido!

Que tempos felizes esses em que, nas horas amargas de luta, defendendo, ora serêna ora colericos, não as nossas pessoas, mas as figuras consagradas da Revolução que se avisinhava, da Republica denunciada já pela luz consoladora e dôce da auréola que despontava no horisonte, nós lutàvamos, num esforço suprêmo, combatendo por todas as fórmas, por todos os processos, os perigosos inimigos da Patria, os algozes das nossas pessoas e dos nossos amigos!

Identificados com o nosso dever, irmanádos pelos mesmos pensamentos, abrazados na mesma crença, encontrávamos, na esperança consoladora do nosso proximo triunfo, o unico premio de toda a nossa tarefa, que no dia 5 de outubro se poderia, no entanto, resumir assim: ou a fuga, chorando no exilio as saudades e amarguras dos nossos, ou a liberdade de morrer com êles!

Mas então, o *Democrata, não tinha os habitos de verrina soalheira nem agredia sistematicamente tudo e todos, desde os seus inimigos pessoaes até aos seus antigos correligionarios, para arranjar leitores!*...

Alberto Souto, Alberto Souto, como o tempo tudo muda! E que desilusão dos homens e das coisas nós têmos tido de ha dois anos a esta parte, isto é, desde que a Republica foi implantada em Portugal! Conhecêmol-o, Alberto Souto, sem vaidade, e isso era o melhor atributo para captar a nossa estima e amizade. E até que ponto lhe éramos dedicados, nunca o devia ter esquecido Alberto Souto, mórmente depois de saber a fórma como o defendiâmos na sua ausencia quando os *correligionarios amigos*, que hoje frequentam as magnificas instalações da *Liberdade* e a quem dispensa toda a sorte de deferencias, o pretendiam abocanhar, espalhando as maiores infamias contra a sua honra e o seu caracter. Disto não se lembra Alberto Souto, como de cérto se não lembra do conflito pessoal que mais tarde tivémos, por sua causa, com um dêsses *amigos e correligionario* derivado da atitude do *Democrata* quanto á fórma como combateu as intrigas estabelecidas por tão conspicuos *republicanos*... Mas isso são *ninharias* sem importancia e em que não vale a penna falar...

Passe bem Alberto Souto. O *Democrata* viverá, como tem vivido, sem a *Liberdade*. Não se afastará uma linha do programa que um dia traçou o seu atual director, e que é o unico que se casa com o espirito verdadeiramente republicano que até hoje tem mantido sem desfalecimentos nem cobardias.

Sincéros, patriotas e desinteressados, além de coerentes, têmos provado que o sômos. Por isso pódem vir os ataques da *Liberdade* que não nos intimídam, antes desejávamos saber o que terá esse jornal reprazado e que tanto lhe serviu para nos ameaçar.

Fale, mas fale claro e não se importe com o gosto que possam ter os nossos *numerosissimos inimigos*, que são todos os bandalhos politicos désta terra, cujas imoralidades o *Democrata* não escondeu nem se acha disposto a encobrir calculadamente para angariar simpatias.

Jornal independente, sem que nêle possa exercer qualquer pressão quem quer que seja, o *Democrata* ha-de cumprir com honra a sua missão que hoje consiste em defender o regimen dos falsos republicanos, dos monarquicos que contra êle conspiram e ainda dos que o comprométem cometendo revoltantes indignidades, como essa que vimos escalpelisando do medico miliciano Pereira da Cruz.

Mas ainda não é tudo; muito nos fica por dizer... para um dia... em que definitivamente nos resolvâmos a fazer a historia do partido republicano em Aveiro desde a sua reorganisação.

Com a *Liberdade* estâmos entendidos. Fique-se com Deus, Alberto Souto.

O "MIJARÊTA,,

Foi para Hespanha ou a Hespanha.

Os amigos pretendem esconder a verdade do caso, mas não existe sombra de duvida a tal respeito.

Ha quem afirme que a viagem disfarçada com a classificação de passeio, implica, nada mais nada menos, que uma intervista do nosso heroe com o seu velho amigo e não menos velho bandido—o ex-capitão Homem Cristo.

Sería de todo o ponto conveniente que, pelos nossos consules além fronteira, se podésse conhecer do itenerario seguido por esse homem que, apezar de tudo, ainda não apagou do espirito a esperança de ser, em ocasião oportuna, o presidente do nosso municipio e representar assim esta cidade, que, disso se não lembra o malandrête, teria em tal caso de correl-o a tiro e á pedra das cadeiras da vereação.

O que é indispensavel é saber-se o que foi esse hominho fazer a Hespanha e com quem têve entendimentos, para as devidas providencias a tomar, especialmente aqui.

E ainda dizem que está pobre...

Em poder dêste jornal encontra-se um novo documento por onde se prova que o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz vinha negociando as isenções de mancebos do serviço militar, por 50$000 reis cada uma, ha já muitos anos.

Póde este medico continuar a ter as honras de militar para mais facilmente iludir os povos por quem é considerado um senhor de alta cotação nas juntas inspeccionadôras?

Falta de espaço

Não nos é possivel publicar nêste numero todos os originaes que temos em nosso poder, do que pedimos desculpa aos seus autores.

Galinhas e cães

No alto da rua José Estevam, ao desembocar para as ruas do Norte e do Vento, os galinaceos contam-se ás dezenas, e por ali pastam á vontade, depondo, é certo, contra as posturas da câmara e a fiscalisação da policia, mas sem que alguem imponha aos donos da bicharia a obrigação de a recolher.

E' uma vergonha, que se agráva com o numero avultado da canzoada que por essas ruas vagueia com gràve risco dos transeuntes e exibição de espectaculos deprimentes, aos quaes se deve pôr termo quanto antes, destruindo os animaes vádios e intimando as pessoas a quem alguns pertencem a obrigação de os guardar.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Bons tempos...

. . . .

«Com o *Democrata* e com o nosso querido amigo Arnaldo Ribeiro, mantêmos a mesma amisade, **a mesma solidariedade de sempre.**

Aqui queremos até exprimir-lhe a nossa admiração pelas suas qualidades de combatente e pelo muito que tem lutado pela Republica. Havemos de lhe dar ainda uma mais alta prova de dedicação, de reconhecimento, de amisade, de estima.

Este jornal não é, pois, uma divisão de forças, uma separação de alguem, um afastamento de qualquer.

Bem pelo contrario é uma multiplicação de actividade, uma prova da nossa força, uma prova do aumento das nossas fileiras.

A monarquia sustentava cinco ou seis jornais em Aveiro. A Republica sustentará os dois republicanos e dará sustento... aos operarios sem trabalho.

Não é de mais e a prova é que outros, para viverem, **se mascaráram de republicanos,** o que não admira porque **monarquicos houve que viveram sempre numa monumental mascarada e a quem hade custar a perder o habito de mudar de cara como quem muda de mascara ou de camisa.**»

. . . .

(Do n.º 1 da **Liberdade,** artigo programa, publicádo a 12 de Fevereiro de 1911. De nossa conta apenas o normando.)

IMORALIDADES

Ainda a proposito do que se passou em Oliveira de Azemeis com a descobérta da companhia que tinha por fim livrar rapazes de irem para militar, a tanto por cabeça, escreve o *Radical* de aquêla vila:

O nosso presado colléga de Aveiro o *Democrata* transcreveu o que aqui referimos ácerca da companhia exploradora que neste concelho assentou arraiaes para isentar rapazes do serviço militar, mediante grossa quantia.

Temos a certêsa de não havermos errado nas nossas informações, pois todas élas nos foram dadas por quem tinha a certeza absoluta das declarações prestadas principalmente pelo *Melro* e pelo Resende.

O que se averiguou com facilidade e com clareza foi que os tres figurantes —*Melro*, Cancélas e Resende combinaram com bastantes rapazes deste concelho o seu livramento do serviço militar, por preços entre reis 50:000 e 70:000. Que saibâmos nenhum dos contratados chegou a dar qualquer quantia, pois era do negocio fazer-se o pagamento do preço estipulado, depois de conhecido o resultado da inspeção, se fosse favoravel.

Felizmente o plano da infamissima traficancia foi descoberto a tempo.

Agora esperemos que a justiça se pronuncie castigando severamente os culpados ou absolvendo os inocentes, que não vemos onde êles estejam...

Por seu turno a *Bairrada Livre* com o titulo — **Originalíssimo!**—diz, tambem, a proposito do mesmo assunto:

Vem no *Democrata* da semana passada. Segundo diz este colléga, o medico miliciano Pereira da Cruz, acusado de receber dinheiro para o livramento de mancebos sujeitos ao serviço militar, exige, como prova do crime que lhe imputam, a apresentação de recibos por êle passados das quantias recebidas!

Como se alguem acreditasse que o sr. Pereira da Cruz, consciente de que cometia um crime gràve, se fosse comprometer facultando provas seguras do seu delito sob a forma de recibos. E' necessario ser-se dotado de grande atrevimento, ou contar-se muito com a estupidês alheia, para lançar mão de tais argumentos de defêsa.

O sr. Pereira da Cruz encontra-se na situação de um naufrago a quem as proprias silvas parecem um salva-vidas de arminho.

PRAIAS DO LITORAL

Costa Nova, 12

Lindos dias de verão no lago de cristal désta dolente costa que as bateirinhas ligeiras cruzam constantemente á briza fagueira do nordeste.

A Costa! A Costa! Quanto sonho acalentado com amor, quanta ilusão, quiçá desfeita do sopro, teve déssa mesma brisa que os barquinhos leva na tranquila ria, quantos... ai! quantos anceios de amor éla traduz, éla esconde, no seio recatado da sua existencia tão simples, tão modesta, tão encantadora...

Sol nado, o formigueiro da praia anima-se, o mar alegra-se, enfuna-se, amacia as bravezas de leão para abraçar, languroso e sensual, as curvas elegantes das gentis banhistas, que êle envolve em turbilhões de espuma como se fossem catadupas de rendas no enxoval de noiva de alguma sereia encantada...

Do outro lado, em contraste com as bravias arremetidas désse incansavel lutador, a ria linda, na placidês confiante e uma virgem, a desafiar o apetite guloso dos conquistadores da praia, qual mais atrevido e audacioso nos seus galanteios medievaes...

E os bravos rapazes, escôta em punho, a véla ao largo, largam da móta, moderno Restêlo de uma nova epopeia e lá vão, ria em fóra, não á descoberta do polo ou de um outro El-Dorado, mas á conquista de uns olhos lindos de enamoradas donzélas, fazendo arfar-lhes os seios pequeninos e buscando nêles as estrofes ideaes déssa inegualavel epopeia: a epopeia do amor. Depois, á noite, as banzas e os bandolins gemendo na toada dolente das suas cordas, versos de sonho, versos de amor:

Bateira vae devagar,
Méte de manso a remada,
Que eu quero a minha canção
Possa ouvil-a a minha amada.

=A Costa continúa a animar-se.

Todos os dias chegam banhistas e *touristes*, que aqui vêm, ora em simples passeio de poucas horas, ora ocupar o classico *palheiro* numa temporada de despreocupação e alheamento das canceiras da vida.

= Entre as muitas familias que este ano procuraram a Costa Nova para passarem a estação calmosa, lembram-nos, ao correr da penna, as seguintes: Antonio Maria Beja da Silva, de Vila Franca, Conde da Borralha, de Agueda; dr. Daniel Regala, de Ilhavo; dr. Eduardo de Moura, de Eixo; José dos Santos Marnoto, de Ilhavo; dr. Samuel Maia, idem; dr. Eugenio Couceiro, da Mealhada; Serafim Méla, de Anadia; Francisco Victor, de Sôza; dr. Manuel Alegre, de Agueda; dr. Eugenio Ribeiro, idem; José Vaz, de Ilhavo; dr. Joaquim Silveira, de Alcanêna; dr. José Ferreira Viegas, idem; José Moreira Freire, de Loanda; João Cristão, de Vagos; Humberto Beça, do Porto; Manuel Sacramento, de Ilhavo; Antonio Dias Pereira Junior, de Verdemilho; João de Oliveira Frade, de Fafe; Joaquim Paulo, da Guarda.

De Aveiro estão: João Pinto de Miranda, Antonio Felizardo, D. Maria de Almeida, capitão do porto Silverio Rocha, Augusto Guimarães, Barão de Cadóro (Carlos), D. Maria Carolina Ferreira, Amadeu Faria de Magalhães, D. Ausenda Mesquita e irmã, José Robalo Lisboa, Manuel Barreiros de Macêdo, dr. Francisco Marques de Moura, D. Ludovina Gamélas, Domingos Cerqueira, José de Pinho, Albano Pinheiro, Antonio Augusto de Moraes, Inacio Cunha, Amadeu Tavares, Henrique Rato, capelão Francisco Barbosa e Silva, capitão Guimarães, Alexandre Barbosa, Antonio Maximo Junior, Francisco Ferreira da Encarnação, José Magalhães, padre José de Sousa Marques, Carlos Mendes, João Ferreira Felix, Joaquim Ventura, D. Maria de Matos Lopes e outros cujos nomes darêmos no proximo numero.

=O *Club Recreativo*, creação de alguns *habitués* désta praia, tem sido bastante concorrido, reunindo-se ali quasi todos os rapazes em ameno e alegre convivio. A Antoninha do Sacramento é tambem outro dos pontos de reunião da *élite* da Costa, esta para de dia, aquele para de noite.

No Club houve a semana passada duas sessões de prestidigitação pelo conhecido prestidigitador Celestino, que apresentou trabalhos muito corrétos e se fazia acompanhar pelo celebre *rauxinol português*, um imitador perfeitissimo de vozes e de aves e de animais, que entretive a assembleia durante algumas horas, com o seu unanime aplauso.

= Na Gafanha realisou-se a festa da Senhora da Encarnação, ou da *Maluca*, que foi muito concorrida por gente da Costa. Os barcos da passagem iam sempre cheios e a praia despovoou-se de bateiras e escaleres que foram poucos para o passeio...á outra banda.

Tocávam duas musicas, a *nova* e a *velha*, de Ilhavo, aquéla obsequiosamente regida pelo Antonio Maximo que, de batuta na dextra e pandeirêta na sinistra, magistralmente fez os compassos da mais infernal sinfonia que tem deliciado ouvidos aficionados...

= Na segunda-feira realisou-se a primeira pescaria da época, indo á *chincha* um grupo de banhistas, que entre si dividiram o trabalho sob a habil direcção do não menos habil disfrutador José Vaz.

Serviu no *roçoeiro*, com uma pericia que a todos espantou, inclusivé a *velha* que ficou, o sr. Domingos Cerqueira, por ser o tripulante de maior bôjo, compondo-se a restante tripulação do barco, dos srs. dr. Simão José, Antonio Victor, Serafim Méla, dr. Manuel Alegre, Joaquim Paulo, Antonio Felizardo, José de Pinho, dr. Joaquim Silveira, Francisco da Encarnação, Joaquim do Carmo Ferreira, capelão Alexandre de Carvalho, Horacio Marques, Domingos Gamélas, Artur Sacramento, Manuel Marta, José Rodrigues da Conceição, José Magalhães, Antéro Tavares, Jaime Paulo, José Pereira e Arnaldo Ribeiro.

O primeiro lanço foi ao *bico* o que equivale a dizer que as peripécias começaram lá. De mais a mais a rêde era pôdre e por isso de admirar seria que assim não sucedesse.

Os que caíram na *esparrêla* de a puxar, beijaram logo a areia como uns catitas... Mas ninguem desanimou. A' voz de comando do *arraes*, o resto da tripulação corre a recolher o *aparelho*, que, devidamente concertado por um *prático*, é de novo pôsto á prova do lado da Gafanha, com relativo exito por, segundo se dizia, a presença do padre afugentar a pésca para longe... o que se não confirmou.

Depois de meia duzia de *lanços* tinha-se segura a *caldeirada*: bôa enguia, alguns robalos—o pae dêles ficou na praia—umas duas ou tres tainhas e meio alguidar de camarão.

Do resto, isto é, de a cosinhar encarregou-se ali a D. Antoninha Sacramento, que á noite via reunida em volta duma grande mesa toda a tripulação e alguns aderentes, como Beja da Silva e José Paulo que tambem a saborearam como bons apreciadores, que são, das *caldeiradas*... que os outros péscam.

Escusado será dizer que á ceia ninguem estêve triste nem houve decéções, tal o apetite com que se comia. A cada tripulante foi distribuido, de entrada, um prato de sôpa; porém, alguns não se contentaram com menos de dois e tres, o que lhes valeu serem apudados de *comedores*, principalmente pelo *arraes*, que néstas coisas é duma abstinencia absoluta. Assim fosse em tudo...

No final levantaram-se os costumados brindes. José Vaz é saudado com *delirio* e assim terminou o atraente divertimento com a convicção para todos de que se *maior fosse o dia, maior seria a romaria*...

= Na terça-feira, á noite, improvisou-se no *palheiro* habitado pelo nosso director, um esplendido bailarico em que tomáram parte algumas familias que aqui se acham a banhos, dançando-se animadamente até perto da uma hora.

O dr. Manuel Alegre tocou, na guitarra, os melhores fadinhos do seu inexgotavel reportorio, dançou-se e cantou-se o *vira do Minho* com entusiasmo, não constando que houvesse outras contrariedades de maior a não ser a falta do tambem eximio guitarrista Joaquim do Carmo Ferreira, a quem foi impossivel comparecer, como havia prometido.

Para a outra será.

= Deu-se hoje aqui um lamentavel desastre que custou a vida a um pobre pescador. Quando a para o mar, pela manhã, o barco da companha do *Tanoeiro*, uma vaga mais alterosa arremeçou-o de encontro á praia com tal violencia, que a tripulação esteve quasi toda em risco, se lhe não acóde o pessoal das outras companhas, que correu a salvar os companheiros.

Ainda assim calcula-se que tenha perecido um dos tripulantes, de nome Adelino Cirilo, casado e com 4 filhos menores, visto não ter aparecido mais depois do desastre. Ha tambem bastantes pescadores feridos, mas sem gravidade.

A desolação na praia é profunda.

= O *Novo Mundo*, estabelecimento de fazendas de que é gerente em Aveiro o sr. Antonio Videira, abriu aqui uma sucursal que se acha instalada nos baixos do *palheiro* do nosso amigo Alberto Rosa.

Tem um grande sortido de artigos de flagrante atualidade, que vende por preços modicos, o que lhe tem valido ter sido muito visitado.

Gualdino.

Trabalho artistico

Na oficina do sr. Joaquim Ferreira Barreto, o *Vidinha*, director e proprietario da oficina de pintura e de modelação e moldação a gesso, estabelecida á rua Domingos Carrancho, está concluida uma taboleta, que além da originalidade da sua pintura revela absoluto conhecimento e bom gosto de trabalhos daquele genero, sendo digno de registo a forma artistica e completa como toda a obra nas suas mais insignificantes minudencias, está concluida.

Ha muito que o sr. Barreto tinha os seus creditos artisticos solidamente garantidos, sendo todavia o trabalho a que nos vimos referindo um testemunho evidente das suas reconhecidas aptidões.

Partido Republicano Português

Aos filhos de Angeja e Fontão residentes em Lisboa

São convidados os filhos de Angeja e Fontão, residentes em Lisboa, para uma reunião, que se efectua no dia 15, ás 16 horas, no Centro Dr. Afonso Costa, *Calçada de Arroios, n.º 7, para se resolver o caminho a seguir quanto á fundação de um Centro Republicano Democratico, na mesma freguezia de Angeja.*

Péde-se a comparencia de todos os bons filhos de Angeja e Fontão e dedicados republicanos.

Lisboa, 11 de Setembro de 1912.

A Comissão

«O Democrata» e a imprensa de Aveiro

São do numero de domingo do nosso colega *Jornal de Vagos*, os seguintes periodos:

«Num dos ultimos numeros do *Jornal de Vagos* inserimos um escrito sobre a campanha do *Democrata* contra o tenente medico Pereira da Cruz, no qual estranhávamos o facto désta campanha não ter sido secundada pelos outros jornaes de Aveiro. O *Democrata* transcreveu as nossas palavras, seguindo-as de comentarios, que causaram arrufos á *Portuguêsa*, um bem redigido e orientado periodico, que muito recentemente se começou a publicar em Aveiro. Sendo o aparecimento dum jornal um facto de todos os dias, é facil deixar de darmos pela sua publicação, ainda mesmo que êle tenha como redactores espiritos cultos e progressivos, como são, incontestavelmente, os dos republicanos que compõem a redacção da *Portuguêsa*.

Registámos o aplauso que este jornal deu á campanha do *Democrata*, inspirada num alto principio de moralidade e justiça, e vamos fazer algumas considerações que se nos antolham oportunas.

Temos por norma fugir ás testilhas que não nos dizem respeito e se hoje vamos ocupar-nos dêste caso é isso devido a nos termos visto, mau grado nosso, envolvidos nésta questão. Não só por pretendermos explicar á *Portuguêsa* o motivo porque não aludimos á sua intervenção nésta campanha mas, tambem porque o *Democrata* já por vezes tratou com dedicação os interesses desta terra, nós não poderiamos deixar de lhe testemunhar o nosso reconhecimento e a nossa solidariedade.

O caso da venalidade do tenente medico Pereira da Cruz, revelado com desassombro e altivamente pelo *Democrata*, emocionou profundamente a imprensa republicana do distrito, que se referiu a êle e foi isso que fez avultar a nossa admiração pelo mutismo da imprensa de Aveiro.

Quando estranhámos o facto de o *Democrata* se encontrar completamente desacompanhado do resto da imprensa de Aveiro, nós apenas vimos um jornal, que supunhamos estivesse integrado na orientação do *Democrata*, que se salienta pela intransigencia e pelo denodo com que combate pelos interesses e pelo prestigio da Republica.

Que do silencio dos outros jornais nos não admirámos nada. Acostumados na monarquia a justificar todos os atropelos á moral e á lei e a defender todos os prevaricadores, dificilmente mudariam agora, na Republica, a sua detestavel orientação por mais que se procure desempestar o ambiente social e politico.

Perante um caso desta gravidade ficar indiferente e mudo é querer encobrir um escandalo, ou então confessar, tacitamente, a repugnancia em acreditar os documentos inconcutiveis, que o *Democrata* apresenta a provar a culpabilidade do tal medico.

Póde ser que um dia alguem faça um inquerito á vida politica de alguns republicanos, e então se prove quem pretendeu pactuar com cértos politicos da monarquia e se venham a conhecer os motivos que levam cérta imprensa a ser anodina e lene na maneira como trata os nossos adversarios mais desleais e represalientos.

Ao *Democrata* dirêmos que não desfaleça na sua salubrizadora campanha e que continue a indicar com dedo vingador os tartufos e os birbantes, que trazem a consciencia emboldriada nas cenosidades da crápula e do crime.

E póde contar sempre com o nosso apoio e com a nossa solidariedade.»

Penhoram-nos sobremaneira as palavras afectuosas do *Jornal de Vagos* com quem, aliás, temos sempre mantido estreitas relações que nasceram da fórma como vem prestando á Republica, na terra onde vê a luz da publicidade, os melhores e mais assinaláveis serviços.

A questão que aqui temos debatido não é uma questão exclusivamente nossa, em que se achem envolvidos interesses pessoaes ou o espirito de vingança seja o eixo á roda do qual gire.

Não é. E' uma questão de moralidade, uma questão de alto interesse para a Republica, uma questão que fatalmente ha-de pôr em cheque a justiça de ontem com a justiça de hoje e á prova alguns dos argumentos dos propagandistas republicanos.

Néla tem muitissima gente os olhos fitos a avaliar pela sôma de cartas e bilhetes que têmos recebido de felicitações pela campanha que tanto interesse está dispertando em todo o país onde o nosso jornal chega e tem leitores.

Que o nosso confrade de Vagos tenha a certeza disto e todos os que, sem intenções reservadas, pugnam pelo estabelecimento em Portugal dum regimen em nada semelhante ao extinto na madrugada de 5 de Outubro de 1910.

Uma desgraça

Quando ontem á tarde tomava banho no canal de S. Roque, morreu afogado, o soldado n.º 36 da 1.ª companhia do 1.º batalhão, Alfredo Nunes da Mata, natural do Bunheiro, concelho de Estarreja.

Coincidencia: o pae e o irmão tinham-no vindo visitar, indo o infeliz despedir-se dêles á estação. Foi duas horas depois que deixou de existir.

Sentimentalismo piégas...

A *Liberdade*, aproveitando o córte da permuta com o *Democrata*, trata no seu n.º de ontem ainda da morte de João Mendonça, de quem continúa a dizer que *foi sempre republicano, servindo a Republica com a maior das dedicações*, como se ninguem soubésse em Aveiro quem era o infeliz administrador de Cabeceiras, cuja orientação politica jámais foi de molde a inspirar confiança aos verdadeiros republicanos. E faz-nos insinuações várias, a *Liberdade*. Vê-se que quer conversa. Pois ha-de tel-a. E para principiar fique sabendo desde já o *orgão democratico*, que se tinhamos as relações cortadas com o morto, que tanto chora, era isso devido á oposição que um dia fizémos, como membro da direcção do *Club Mario Duarte*, á entrada de botiges de vinho para socios daquéla casa, que o bebiam á mesa do jogo por canécas de meia canáda, depois de vêrem o exemplo dêsse tambem director do *Club*.

Como vê uma questão de brio, uma questão tendente a levantar o nome, um pouco desacreditado, da casa a que ambos pertenciámos, e que nós não desejámos fôsse transformada em taberna.

Póde alguem acreditar que por isso tivéssemos odio a João Mendonça, como insinúa a *Liberdade*?

AO PAIS

Os padres pensionistas definem a sua atitude perante os bispos e a Santa Sé

São tão grâves as circunstancias do momento, que é necessario fazermos, em nome dos pensionistas, afirmações claras, categoricas perante o país, afirmações que definam por sua vez a nossa situação e os nossos leaes desejos. E' preciso falar claro e alto, para que o éco das nossas palavras se não perca entre os murmurios insidiosos dos que nos hostilizam, e chegue bem distincto aos venerandos ouvidos do chefe da Igreja, que tão mal informado tem sido no decorrer dêste agitado pleito. Sômos actualmente cêrca de oito centos os padres pensionistas. E se houve dioceses onde a maioria dos parocos renunciou as pensões, dispensando-as por serem melhores as suas condições economicas, em outras dioceses é tambem grande o numero de padres pensionistas, aliás pobrissimos, como por exemplo, na diocese de Beja, onde á exceção de oito parocos, que as renunciaram, todo o clero aceitou as pensões. Sômos cêrca de *oito centos*, e este numero tão elevado, por si suficientemente expressivo, bastará para que não se tomem decisões e medidas a nosso respeito, nem por parte dos prelados, nem mesmo por parte de Roma, sem reflectir ponderadamente, sem atender com prudencia aos motivos que nos determinaram. Os prelados sabem muito bem quais as razões que imperaram no nosso espirito levando-nos á nossa actual e conhecida atitude. Aceitámos as pensões, em primeiro logar, para não cairmos na miseria, vendo cair comnosco as nossas familias que só do nosso pão se sustentam e vivem.

E tanto assim que, em todas as dioceses do país, dezenas de parocos não pensionistas tem *expontaneamente* abandonado as respectivas freguezias por falta de recursos, procurando em profissões profanas a subsistencia propria e a dos seus, sem contar com o já grande numero que pelo mesmo motivo tem emigrado. Na diocese do patriarcado e, por exemplo, nos concelhos do Barreiro, Loures, Vila Franca, Barquinha, etc., etc., encontram-se todas as freguezias, ou quasi todas, sem parocos, que as abandonaram á mingua de elementos de subsistencia. Da dignidade, da austeridade profissional, do respeito evangelico dos bispos pelos sagrados ditames da verdade, esperâmos, confiadamente, que nas informações enviadas para Roma isto mesmo se pondere e se acentue. Em segundo logar, nós, cidadãos portuguêses e funcionarios do Estado, com direitos civis adquiridos, não poderiamos renunciá-los, sem atentar contra a missão de paz e equilibrio social inerente ao sacerdocio, pois que renunciál-os nas circunstancias em que o fez uma parte do clero, era pormo-nos implicitamente em conflito, era declarar-nos em guerra aberta com esse mesmo Estado. O orgão oficioso do Vaticano estranha e censura o procedimento dos padres pensionistas, traduzindo, talvez, o modo de vêr da curia, quando é certo que em julho de 1911, depois da Santa Sé receber um relatorio dos bispos, enviado por intermedio do ex.mo patriarca de Lisboa, ácêrca da situação de miseria a que muitos padres ficariam reduzidos, e consultada sobre se os bispos deviam aplicar penas aos pensionistas, o cardeal Merry del Val respondeu: não é conveniente aplicar penas disciplinares aos padres que aceitaram as pensões por motivo de miseria *non é expediente prendere misure disciplinare ali parochi cobro aceitano degli pensioni.*

Nada explica, absolutamente nada porque acontecimento algum estranho modificou as circunstancias anteriores do clero, a contradição flagrante entre as palavras subscritas, ha um ano, pelo cardeal Merry del Val e a atitude actual do *Osservatore Romano*, orgão oficioso do Vaticano. E porque não esclareceram os bispos a Santa Sé, em tempo competente, a verdadeira doutrina ácêrca das pensões? Se fazem hoje, subrepticiamente, censuras e ameaças, depois de um silencio que não exageramos classificando-o de criminoso e de nocivo para Egreja?

Pelo contrario, consultando alguns padres os respectivos prelados, nomeadamente os ex.mos patriarcas e arcebispos de Evora se podiam aceitar a pensão, porque viviam na miseria, os prelados, e em especial estes ultimos, não condemnaram, então, em maio de 1911, a aceitação da pensão, limitando-se a responder que procedessem conforme as suas consciencias por não quererem assumir a responsabilidade da situação de miseria a que muitos ficariam reduzidos. A pensão não é um suborno, não é um acto de venda de consciencias, não importa abdicação dos nossos principios religiosos. Afirmâmos bem alto, perante os catolicos, que aceitando as pensões, mantemos integra a nossa fé, as nossas crenças religiosas, e queremos mantermonos ligados com os nossos superiores hierarquicos. A aceitação da pensão não significa um acto de rebeldia, nem a Republica o aconselha e o exige, ou garantiu com esse intuito na lei da Separação. Significa em exclusivo o reconhecimento dos direitos legitimamente adquiridos perante o Estado, e que as novas instituições respeitaram. Era o Estado, pela concordata, que nomeava os parocos, que os sugeitava a obrigações civis e a quem exigia, como aos demais funcionarios, o correspondente pagamento de direitos de mercê. Justo era, pois, que a Republica nos garantisse, como aos outros funcionarios, as regalias a que os nossos encargos civis fizéram jus. Os pensionistas de hoje estão no mesmo pé de igualdade com os frades que em 1834 foram expulsos dos conventos pela monarquia constitucional, depois de se haver apossado de todos os seus bens e que o clero nos ultimos anos tanto apoiava e defendia e por cuja restauração tanto sacerdote pretendeu lançar-se numa luta fraticida, afastando-se da sua missão de paz e de amor e comprometendo assim a independencia da Patria. Como fôsse deverás afitiva a situação de muitos frades por se encontrarem na miseria, a monarquia constitucional, ou antes, o Estado, estipulou-lhes umas pensões que, embora alguns recusassem por serem ricos, um grande numero aceitou sem que por isso a Santa Sé e os bispos adotassem medidas canonicas contra elles. Quando mais tarde a mesma monarquia se apoderou dos bens dos passais, das mitras e cabidos, fixou aos bispos e aos conegos umas congruas, sem que classificassem de deprimentes, e fôssem indignos ou faltassem aos seus deveres aquêles que as percebiam.

Haverá diferença entre a pensão actual garantida pela lei da Separação e a congrua que os prelados e os conegos e todo o clero da Madeira e Açores recebiam no tempo da monarquia? A origem e os fins são os mesmos, diferem *nos nomes*. Se as congruas eram uma compensação dos bens que a igreja usufruira e que o Estado, no tempo da monarquia, incluiu nos *proprios nacionaes*, as pensões de hoje, garantidas pela lei da separação, são tambem uma compensação pelos serviços prestados, pelos direitos de mercê pagos pelos parocos e, portanto, uma compensação pelos direitos adquiridos prejudicados pelas leis que o novo regimen decretou. Por que razão se ha de condenar a aceitação das pensões? Não ha razão alguma. Por quanto, posta a questão de direito, seria *injustiça flagrante*, mais que desrespeitar, calcar aos pés os sacratissimos principios da *inviolabilidade dos direitos adquiridos* consignados na propria lei canonica que manda respeitar e até defender, e que o poder civil, para honra sua, manteve e reconheceu. Obrigar a renunciar a esses direitos equivaleria a lançar deshumanamente para a miseria centenas de individuos que, dada mesmo a hipotese de uma lei proibitiva, que para o caso presente não existe, do uso dêsses direitos, teriam a justificar o seu acto aquêle rincipio de jurisprudencia que põe a *necessidade* superior a todas as leis humanas: *necesitas caret lege*. Entendem os bispos que a lei da Separação precisa de modificações? Se assim o

entendem, o episcopado e o clero deviam ter levado já ao parlamento as suas reclamações, tanto mais que o govêrno provisorio, por intermedio do ministro interino da pasta da justiça, convidou, por circular, os bispos e o clero a formularem essas reclamações, por certo resolvido a atendêl-as tanto quanto possivel sem desdouro para as duas partes litigantes. Quando se implantou a Republica no Brasil, e o govêrno provisorio decretou a lei da separação, o episcopado e o clero dêsse prospero e activo país apresentaram ás constituintes as suas reclamações quasi na sua totalidade satisfeitas. Porque se não adoptou entre nós o mesmo procedimento? Entre nós, muito ao contrario, á conducta pacifica, serena, inquestionavelmente productiva, aquéla que melhor se harmonizaria com o espirito da doutrina que prégâmos e defendemos, preferiu-se os protestos e a luta intransigente. Não será tempo ainda de concretizarmos, de fórma a podermos submeter á sanção parlamentar, os pontos a discutir na lei da Separação?

Não seria de grande utilidade para a igreja em Portugal integrar-se o clero no novo regimen seguindo assim as instruções que Merry del Val acaba de enviar ao bispo de Annecy relativamente á orientacão politica do clero francês? Não é com as lutas intransigentes e conspirações apoiadas pelo clero que a igreja prospéra. Não seria tempo de remediarmos ainda erros de tão funestas consequencias para o clero? Longe de se tentar atenuar o efeito desses erros, e entrar no caminho da concordia, paz e conciliação é com magua e com tristeza que verificâmos que se insinuam contra os pensionistas medidas e penas canonicas. Mas já pensaram os bispos portuguêses *nas consequencias da sua manifesta hostilidade?* Não sería mais vantajoso para o prestigio da igreja e interesse da religião conservarem os bispos, unidos em volta de si, todo o clero, sem distinguir pensionistas de não pensionistas? Era mais vantajoso, sem a menor duvida. Neste momento tão gráve para a igreja catolica em Portugal, declinâmos perante Deus, a nossa consciencia e os catolicos todas as responsabilidades sobre os acontecimentos que acaso a atitude hostil dos bispos e da Santa Sé provocarem Elas pertencerão, no futuro, inteiramente, aos que, podendo, não querem impedir medidas que grandes males podem trazer para a igreja. Os bispos que certamente desejam desenvolver e levantar o espirito religioso no país tão decadente nestes ultimos anos—mercê da inacção do clero, afastando-se criminosamente da sua missão religiosa e social, para se entregar á politica de odios e de paixões—podem contar com a nossa cooperação leal e sincéra, não só por amor á religião que professâmos, mas ainda por reconhecermos que prestarêmos deste modo, prégando a paz e o amor, um grande serviço á nossa querida Patria que tanto amâmos e por cujo levantamento moral faremos todos os sacrificios. Se os bispos preferirem antes hostilisar os pensionistas tanto peor para a causa religiosa, quando não condenam e hostilizam os que pegaram em armas e todos aquêles que estão condenados pela circular que Merry del Val enviou aos bispos de França. Se aquêles que teem por dever inspirar os seus actos na prudencia, na bondade e no amor cristão, e atender ssbretudo aos interesses da igreja, se esquecerem das necessidades do seu clero e das circunstancias angustiosas em que se encontra a igreja no país, para seguirem as indicações de certa imprensa alucinada na sua vertigem partidaria e sectarista, que pretende orientar a questão religiosa, serão inevitaveis consequencias prejudiciais resultantes dêsse procedimento que nós muito desejariamos se não produzissem. Ainda se pode encarar a questão por outro aspecto. Se os bispos ou a Santa Sé condenarem ou suspenderem os pensionistas, os povos das freguesias que pastoreiam, identificados, como estão, com os parocos pensionistas, receberiam mal outros parocos, resultando de aí, sem duvida, conflitos de *ordem pública*. Quererão os prelados tambem arcar com estas responsabilidades nêste momento em que acaba de passar por uma grande crise a nacionalidade portuguêsa e em que precisâmos de paz e socêgo para que a nossa Patria progrida?

Os pensionistas contam com o apoio moral dos catolicoe sincéros, dos que não confundem a religião com a politica, o reino divino do Senhor com as vaidades interesseiras dos homens. Sômos e queremos continuar a ser padres catolicos, sem abdicarmos dos nossos principios religiosos, invulneraveis na nossa fé, firmemente ligados aos nossos superiores em materia religiosa, e em numero mais que suficiente para que não possam humilhar-nos sob o labeu sarcastico *de uma minoria desprezivel*, afronta esta que repelimos, superiores como estamos a todas as insidias com que se pretenda deprimir-nos. Sômos catolicos e tambem portuguêses. E se como catolicos queremos manter integra e indefectivel a nossa fé, como portuguêses amâmos a nossa patria desejando colaborar no restabelecimento da paz nacional, no seu engrandecimento moral e material e aspirâmos ardentemente pela integração de todas as forças vivas da nação no seu papel social e historico para que do concerto de todas essas forças surja a redenção que consigo ha-de redimir-nos.

Lisboa, 31 de agosto de 1912.

A comissão central dos pensionistas.

Post scriptum. — A comissão cental lembra aos pensionistas do país que se mantenham numa atitude firme, mas serêna, não esquecendo a prudencia e a ponderação que as circunstancias aconselham. Aguardâmos os acontecimentos e não seremos nós os pensionistas, que tocarêmos o clarim de guerra, e levantarêmos o grito de revolta abrindo uma scisão no clero português,. Que essas tremendissimas responsabilidades pertençam aos que cerram os ouvidos á verdade, á razão, e desprezam as proprias conveniencias da egreja. Sômos cêrca de *oitocentos* e nêste numero e na razão que nos assiste está a nossa força. Firmêsa e prudencia.

Empregado infiel

O sr. José Nunes de Azevedo, proprietario da *Padaria Estrêla*, de Setubal, queixa-se-nos de que encontrando em varias infelidades o seu caixeiro de nome Raul Ramires Fernandes, residente com seus paes na estrada de S. Bernardo, désta cidade, o despediu prevenindo disso aquêles que por ventura o queiram tomar ao seu serviço.

Segundo os calculos do sr. Azevedo, orça por 100$000 reis o prejuizo que o tal caixeiro lhe deu, isto além das fazendas que dava sem que para isso estivésse autorisado.

O Democrata, vende-se na Costa Nova na *Padaria Macedo*.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO	
DIAS	PHARMACIAS
15	LUZ
22	RIBEIRO
29	ALLA

AGRADECIMENTO

Restabelecido dá gravissima doença, que por tantos dias me retêve no leito do sofrimento, venho, por êste meio, (na impossibilidade de o fazer em pessoa sem incorrer em faltas) muito sincéra e comovidamente agradecer, com todas as véras da minha alma reconhecida, ás numerosissimas pessoas que se dignaram visitar-me durante essa longa e melindrosa enfermidade; outrosim ás que, no decurso dêsse espaçado lapso doentio, tão a miúde mandaram saber do estado da minha saude; e, finalmente, ás que de qualquer fórma se interessaram pelas minhas melhoras e consequente restabelecimento.

Arada, 6—9—12.

Padre Bruno Téles.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CORRESPONDENCIAS

Guimarães, 12

Está entre nós uma companhia dramatica que tenciona demorar-se algum tempo, a qual funciona no teatro Salão Artistico.

No domingo preterito levâram á scena a revista em 3 actos e 7 quadros *Agulha em palheiro*.

A casa estava bastante concorrida, destacando-se o actor Jorge Gentil no papel de policia.

No proximo sábado representar-se-ha o drama em 5 actos *O Zé do Telhado*, sendo recitadas algumas cançonetas, entre élas *O Zabumba*, em beneficio dos atores Correia Peixôto e Ernesto Freitas.

Espera-se grande concorrencia, porque a companhia é digna disso.

=Em exercicios de repetição partiu para a Morreira e de ali para Amares o regimento de infantaria 20 num efectivo de 600 homens.

Era grande a aglomeração de povo que, ancioso, em frente ao quartel, esperava a saída do regimento.

=Foi daqui muita gente assistir á ascensão do biplano da Créche *O Comercio do Porto*.

=Ha grande dificuldade em fundar nésta cidade o centro evolucionista, visto ninguem querer aceitar o *cabeçalho*.

=Estêve ha dias entre nós o nosso amigo e correligionario Eleuterio Cerdeira, do Porto.

C.

Alquerubim, 9

Está feita a maior parte da vindima nésta freguezia. Os ultimos dias de calôr têm beneficiado os milhos do campo e as uvas que ainda estão pendentes. A colheita do vinho é abundante, e a qualidade não ha-de ser tão má como se esperava.

=Foi muito concorrida a festa do S. Paio, na Torreira. Só nas lanchas a vapor passaram sete mil pessoas, porque fôram outros tantos os bilhetes vendidos para tal fim.

=Faleceu em Fiães, (Feira) o sr. Manuel Pinto Ferreira e Silva, distinto professor daquéla freguezia, A' sua esposa, tambem professora oficial, e a seus filhos, enviâmos os nossos pesames.

=Vão bastante adiantadas as obras da capéla mór da egreja désta freguezia. Foi ontem retirado da egreja o sacramento que fica na capéla de Santa Marta até que findem as obras da egreja.

=O milho continúa caro. Não será mau que o govêrrno da Republica mande algum para o mercado dêste concelho. Ha aqui dois avarentos que pediram a 1$000 reis, por cada vinte litros, aos pobres trabalhadores que lho fabricam.

C.

Pinheiro, 11

Visitou-nos o nosso amigo Antonio Dias Maio, de S. João de Loure, o vencedor do circuito do Minho, como corredor forte em biciclêta.

Vae êle disputar de novo o primeiro premio, no proximo domingo, na grande corrida internacional Porto-Lisboa, promovida pela União Velocipedica Portuguêsa.

Por cérto o nosso conterraneo saberá manter os seus justos creditos neste ramo sportivo, que tanto incremento tem atingido no nosso meio. Oxalá que tal suceda.

=Chegaram da capital a sr.ª Florinda de Carvalho e seu filho Antonio Pires Linhares Junior, tencionando demorarem-se aqui uma pequena temporada.

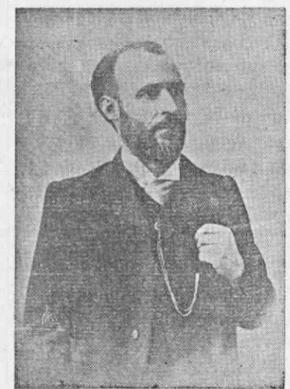
Bemvindos sejam.

=As vindimas estão quasi concluidas, tendo sido a produção muito superior á do ano transato.

=Fala-se aqui na fundação de um centro escolar republicano, tendo por principal fim a creação de uma escola noturna, o que representa um grande beneficio popular. No proximo numero ocupar-nos-hemos do assunto mais desenvolvidamente.

=No dia 22 do corrente, realizam-se respectivamente em S. João de Loure e Fial, os festejos á Sr.ª do Livramento e S. Luiz, com arraial e musica, tocando entre outras a filarmonica de Angeja; devendo haver grande concorrencia como é costume.

C.

Cá está êle

Tem talento como ninguem e é espérto como um alho.

In illotempore, tomou parte, como orador monarquico, no comicio da Fogueira. Hoje quer á Republica mais do que a um *marquês*...

A imprensa de Aveiro deve-lhe muito: foi êle que levantou o *nivel*...

E não gemeu...

ANUNCIOS

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de outubro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 12 de setembro de 1912.

João Mendes da Costa.